

DA ALEGRIA AO MEDO: INTERPRETAÇÕES DE MÚSICOS SOBRE O MERCADO CRIATIVO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

VANESSA ALVES PINHAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

DANIEL VICTOR DE SOUSA FERREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

VALDIR MACHADO VALADÃO JÚNIOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

DA ALEGRIA AO MEDO: INTERPRETAÇÕES DE MÚSICOS SOBRE O MERCADO CRIATIVO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

1. INTRODUÇÃO

O setor cultural vem enfrentando dificuldades mesmo antes do início da pandemia provocada pelo novo coronavírus, como a redução de investimentos e de estratégias responsivas de apoio público. Com isso, as consequências do atual contexto na Cultura contam com esse agravante de que a crise no segmento precede a pandemia (Calabre, 2020; Canedo, 2021). Em 2016, houve a ameaça de extinção do Ministério da Cultura (Minc), o que não foi concretizado devido à mobilização nacional dos grupos artísticos e culturais. De toda forma, o Minc acabou sofrendo cortes orçamentários e esvaziamento da capacidade operacional (Calabre, 2020).

O contexto da pandemia da Covid-19 mostrou as fragilidades e as dificuldades de compreensão e reconhecimento político do setor sobre a área cultural de maneira geral. O isolamento social e a perda de renda foram enfrentados na área por meio do uso de plataformas sociais, com iniciativas criativas, reforçando a importância da área e mostrando sua necessidade na vida cotidiana (Góes et al., 2020).

Apesar da tentativa de se manterem ativos através da criação e oferta de produtos adaptados aos meios digitais, da realização de cursos e da redução de despesas, profissionais e organizações expressaram preocupação em relação à continuidade de suas atividades. Relata-se uma busca constante por orientações e protocolos para a reabertura das atividades culturais. Também se observaram relatos de procura por editais emergenciais e outras formas de fomento, por oportunidades de trabalhos alternativos dentro da própria área de atuação ou, até mesmo, a migração completa de área, abandonando a ocupação original – especialmente no setor artístico (Canedo, 2021).

Buscando estratégias de sobrevivência e outros modelos de sustentação, o setor cultural, cada vez mais, vinha utilizando as alternativas de fomento locais (dos municípios e estados) além da ampliação de campanhas de financiamento coletivo ou, ainda, mantendo a sobrevivência através da renda obtida nas bilheterias. Logo, a chegada da pandemia e a suspensão das atividades presenciais afetaram o setor, que já estava desprovido de recursos, e no qual a grande maioria dos artistas e produtores encontrava-se sem reserva financeira (Calabre, 2020).

Dentre os profissionais da área da cultura, os mais vulneráveis são aqueles que não possuem vínculos formais de trabalho. Por isso, Góes et al. (2020) destacam a importância da atenção a esses indivíduos, pois foi possível perceber uma forte retração na ocupação cultural entre o primeiro e segundo trimestre de 2020, atingindo mais fortemente os profissionais e grupos informais. Segundo a estimativa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - da PNAD, no primeiro trimestre de 2020, estimaram-se 2.356.279 trabalhadores informais (43,4% do setor) e 1.894.406 no segundo trimestre (40,2% do setor). O número de ocupados no setor cultural informal caiu 15,3% entre o segundo e o primeiro trimestre de 2020, enquanto no mesmo período de 2019, o número de ocupados informais cresceu 5,1%.

Durante uma pesquisa realizada em Uberlândia, inicialmente sobre a Economia Criativa na cidade, na perspectiva dos músicos, os pesquisadores se depararam com um evento inesperado e inevitável: a pandemia do Covid-19. Esse contexto extremo influenciou a captura dos dados no campo de pesquisa, pois os entrevistados mostraram um especial interesse em expor suas interpretações sobre o atual contexto pandêmico e o consequente regime de isolamento social no combate ao vírus que assolava todos os setores econômicos e sociais, em especial, o do entretenimento. Os pesquisadores,

embora tenham se preparado para o campo na investigação sobre a Economia Criativa, foram surpreendidos com uma nova abordagem teórica e prática que se mostrava promissora: a atividade musical realizada em meio a um evento extremo. Realizou-se então uma revisita ao *corpus* para uma nova análise, em busca do alcance de um novo objetivo de pesquisa. Afinal, não apenas a atividade musical, mas, também, a própria atividade de pesquisa tinha sido impactada pelo extremo, exigindo dos pesquisadores criatividade no uso de novas técnicas de coleta que considerassem o isolamento social, uma medida necessária e fundamental para evitar a propagação do novo coronavírus.

Em Uberlândia, são comuns programas e projetos com o objetivo de realizar ações afirmativas da arte como setor estratégico para o desenvolvimento sociocultural, com foco principal no município, durante e após a pandemia da Covid-19 que assola o Brasil e o mundo. Ainda no âmbito municipal, a Prefeitura de Uberlândia, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SMCT), lançou, durante o ano de 2020, editais de fomento e propostas de auxílio ao setor cultural, mediante iniciativas diversas, como o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Pmic) (Uberlândia, 2021; Merlin, 2021; G1, 2020).

A relevância da Economia Criativa no atual contexto cultural, tecnológico e produtivo é suficiente para que novas análises sejam realizadas, tanto no âmbito teórico quanto prático (Gzvitanski, 2021). Considerando as particularidades das indústrias criativas no Brasil, que são de especial importância para o desenvolvimento do país, o objetivo do presente artigo é analisar os impactos da pandemia no trabalho de profissionais do setor cultural em Uberlândia, na perspectiva dos profissionais da música. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma análise qualitativa do *corpus* de pesquisa, composto por entrevistas aplicadas a 13 especialistas, as quais foram submetidas à técnica de análise de conteúdo. Ressalta-se que as entrevistas, inicialmente, não foram aplicadas para os fins deste artigo, mas, sim, foram submetidas a uma análise orientada pelo objetivo deste artigo, visto que a temática emergiu na fala dos participantes durante a pesquisa original.

Para tanto, na próxima seção será discutido o embasamento teórico da pesquisa, por meio de estudos sobre a atividade musical e sobre a pandemia do Covid-19 na caracterização do contexto extremo; seguida dos aspectos metodológicos, da discussão dos resultados e das considerações finais. As referências bibliográficas encerram o artigo.

2. A ATIVIDADE MUSICAL EM MEIO À PANDEMIA

Mesmo antes da pandemia do Covid-19, o mercado da música já impunha aos profissionais do setor um contexto de exigências singulares. O processo de intensificação do uso da internet tem alterado de maneira significativa o mercado fonográfico. Antigos *players* – principais empresas do ramo – buscam se adaptar a novas formas de mídias e passam a lidar com uma realidade na qual os caminhos se tornam passíveis de sucesso, enquanto outros enfrentam mais dificuldades para se adequarem às novas tecnologias. Tais considerações colocam o desenvolvimento do comércio digital e o imbricamento das esferas de produção e distribuição independente/*mainstream* como importantes marcos de ruptura no contexto artístico-musical das últimas décadas (Wainer, 2017).

Ademais, com o advento da pandemia do coronavírus, o setor artístico-cultural foi um dos mais impactados, devido à necessidade de cancelamento e/ou adiamento de suas atividades em decorrência dos decretos de isolamento social imprescindíveis ao controle da doença. O trabalho do artista envolve o contato direto com o público, sendo caracterizado pela aglomeração de pessoas em espetáculos, exposições, concertos e outros considerados perigosos no atual contexto pandêmico. Como afirmam Holanda *et*

al. (2020), exercer a profissão artística, no Brasil, já se configurava como um desafio, no entanto, com o novo contexto trazido pela pandemia, exercê-la se tornou um feito de sobrevivência.

A pandemia de Covid-19 é considerada por alguns autores mais uma camada de desestruturação da Cultura no Brasil (Santos & Sant'anna, 2021). Devido à redução do público pagante em museus, shows e eventos de maneira geral, a fragilidade de uma cadeia econômica que depende de interação social é escancarada. Nesse sentido, um processo de migração para ambientes virtuais se torna inviável para alguns setores, os quais se veem excluídos no atual contexto (Santos & Sant'anna, 2021).

Contexto esse que é considerado, por Canedo (2021), uma ameaça à economia cultural e criativa não apenas em sua forma de subsistir, mas de existir. O convívio e a coletividade são centrais para grande parte dos serviços culturais. Por isso, os programas artísticos foram os primeiros a terem suas atividades econômicas suspensas e, provavelmente, serão os últimos a voltar a funcionar em sua plena capacidade.

Diante disso, entende-se que a situação vivenciada por profissionais da música que optam por continuar trabalhando em locais públicos, mesmo com os riscos envolvidos, pode ser caracterizada como extrema. Ao definir contextos extremos, Hannah et al. (2009) sugerem que a presença ou ameaça de um ou mais eventos extremos é uma condição necessária, mas não suficiente para constituir um contexto extremo. Os autores sustentam que o(s) evento(s) deve(m): (1) ter potencial para gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais que ocorrem na proximidade física ou psicossocial, pelos membros parte de determinada organização; (2) as consequências são consideradas insuportáveis por esses membros; e (3) podem exceder a capacidade da organização para evitar que esses eventos extremos ocorram de fato.

O evento extremo é definido como um episódio ou ocorrência discreta que pode resultar em uma magnitude extensa e intolerável de consequências físicas, psicológicas ou materiais para - ou na proximidade física ou psicossocial de - membros da organização. O contexto extremo é conceituado como um ambiente onde um ou mais eventos extremos estão ocorrendo ou são prováveis de ocorrer e que podem exceder a capacidade da organização de prevenir, resultando em uma magnitude extensa e intolerável de consequências de natureza física, psicológica ou material para os membros da organização (Hannah et al., 2009).

Em uma perspectiva mais específica, Bloomfield e Dale (2015) citam como alguns trabalhos estão se tornando mais "extremos" de várias maneiras, por exemplo, empregos que envolvem uma quantidade intensiva de tempo de trabalho. Nesse caso, não é a tarefa ou o ambiente que seriam extremos, mas sim o tempo de execução, a performance, o que pode ter consequências para os funcionários envolvidos. A intensificação do trabalho tem sido discutida como uma característica dos locais de trabalho ocidentais contemporâneos (Green, 2001; Patterson, 2001). Ela é vista como uma consequência de pressões de nível macro da economia, concorrência, mudanças de tecnologias, mas também de mudanças nas práticas organizacionais, como flexibilidade funcional e formas contratuais. Ademais, é destacado que a intensificação pode estar relacionada às mudanças nas práticas de recursos humanos, produzidas diretamente por técnicas projetadas para estimular o esforço, por exemplo, remuneração por desempenho (Bloomfield & Dale, 2015).

Os trabalhos considerados altamente racionalizados e rigidamente controlados também podem se tornar extremos em determinadas circunstâncias, como é abordado por Bozkurt (2015) ao analisar uma *delicatessen* de um supermercado. O autor cita que a maioria dos elementos de extremidade que definem trabalhos extremos tem a ver com o escopo do trabalho envolvido. Correspondentemente, o escopo dos trabalhos mundanos no chão de fábrica do supermercado é altamente delimitado em termos de tempo, habilidades e autonomia. Na temporada de varejo de Natal, as demandas em todas essas

dimensões aumentam substancialmente no balcão da *delicatessen*. As exigências formais de trabalho intensificam-se tanto em termos das tarefas a serem realizadas quanto do tempo durante o qual deveriam ser realizadas. Isso poderia ser descrito, portanto, como uma expansão do escopo do contrato de trabalho formal, compreendendo mudanças nos elementos entrelaçados de maior tempo de trabalho, maior variedade de tarefas e habilidades e níveis mais elevados de liberdade em termos relativos. Assim, há aumento na quantidade de horas de trabalho, aumento de uma demanda multi-tarefas e conhecimento sobre produtos, expansão discreta da liberdade e flexibilidade devido ao redirecionamento do trabalho dos gestores para outros fatores. Isso remete ao trabalho da classe artística, que se viu diante de um contexto incerto no que se refere ao futuro da classe, sendo levada a tomar iniciativas antes inimagináveis para continuar desempenhando seu trabalho no contexto pandêmico instalado desde meados de março de 2020, no Brasil.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de analisar o trabalho do músico em Uberlândia no decorrer da pandemia de COVID-19, seguindo uma abordagem qualitativa (Denzin & Lincoln, 2005), esta pesquisa seguiu as recomendações de Corti *et al.* (2004) com relação ao reuso do *corpus*. Os dados foram inicialmente capturados por meio de 13 entrevistas individuais realizadas com músicos da cidade de Uberlândia com o objetivo de analisar a economia criativa. Cada especialista foi entrevistado por meio de três técnicas distintas, e complementares, de entrevista individual. Conforme sugestão de Flick (2002) realizou-se uma combinação entre a entrevista episódica (Flick, 2002) e a entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2002). Ao final da entrevista, foi utilizada a técnica projetiva sugerida por Campos *et al.* (2020), quando se pediu ao entrevistado que fizesse um desenho sobre a entrevista que acabara de acontecer e/ou sobre o futuro da indústria da música na cidade de Uberlândia. Nessa técnica, os participantes são convidados a fazer um desenho, podendo ser guiado, existindo instruções estruturadas para orientar o participante, mas ainda assim flexíveis (Campos et al., 2020).

Assim, os pesquisadores prepararam-se para o campo, munidos de considerações teóricas e um percurso de captura e análise definido, na investigação sobre a economia criativa na cidade; entretanto, as entrevistas estavam sendo realizadas durante a pandemia, um contexto extremo que impactava os entrevistados, os entrevistadores, a pesquisa e toda atividade acadêmica e profissional. O trabalho do músico encontrava-se em condições incertas e adversas, em um contexto extremo. Algumas entrevistas eram desmarcadas pelo luto, meio a noticiários de mortes e medo. A sobrevivência de sua atividade profissional estava ameaçada pelo regime de isolamento social e sua própria vida, junto aos de seus familiares e amigos, ameaçados pelo próprio vírus.

Os pesquisadores não esperavam, naquele momento, que o roteiro das entrevistas, construído inicialmente para auxiliar na compreensão sobre a economia criativa na cidade, pudesse ser tão modificado à medida que as entrevistas se desenrolavam. A própria dinâmica das entrevistas também foi realizada de maneira inesperada. A conversa com os entrevistados foi conduzida, em primeiro momento, pelo aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp e, depois de acertada uma data e hora, as entrevistas aconteceram por meio das plataformas de reuniões remotas denominadas *Google Meet* e *Zoom*. Tais práticas de pesquisa foram necessárias devido ao regime de isolamento social no combate à pandemia do Covid-19. A dinâmica das entrevistas contribuiu para que, não só o primeiro objetivo da pesquisa fosse cumprido, mas também que as possibilidades do reuso do *corpus* fossem consideradas em um segundo momento.

Seguindo as recomendações de Thiry-Cherques (2009) para a saturação dos dados, considerou-se a quantidade de 13 entrevistas, as quais aconteceram numa média de 70

minutos cada, totalizando pouco mais de 15 horas. Durante as primeiras trocas de mensagens instantâneas (WhatsApp) explicou-se como que se dariam as entrevistas, que seriam gravadas para transcrições futuras e não seriam remuneradas. Garantimos aos entrevistados o sigilo, pois não seriam identificados na pesquisa e nem na publicação de seus resultados. O consentimento foi realizado verbalmente durante os primeiros minutos da entrevista, após o entrevistado ser informado que a gravação estava sendo iniciada. Foi lembrado, também, que o entrevistado seria livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. E que até o momento da divulgação dos resultados, poderiam solicitar a retirada dos seus dados.

Dentre os 13 entrevistados, todos participaram da entrevista episódica (Flick, 2002) e da entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2002); adicionalmente, oito deles realizaram a atividade de desenho como sugerido pela técnica projetiva (Campos et al., 2020). Três dos entrevistados não se sentiram à vontade para realizá-la, mas expuseram sua representação do futuro verbalmente; e, outros dois apenas descreveram o que desenhariam, contudo, sem apresentar um desenho. As transcrições, categorizações e análise dos repertórios relacionados ao trabalho e aos desafios desses músicos durante esse período em particular foi realizado na sequência em que se encerravam cada uma das entrevistas. A primeira análise dos resultados deu-se com o objetivo de analisar o setor criativo na cidade de Uberlândia na perspectiva dos profissionais da música. Esse primeiro objetivo foi alcançado e os resultados publicados no EnANPAD 2021, não abrangendo as implicações da pandemia que emergiram no decorrer das entrevistas.

Posteriormente, os pesquisadores realizaram a reanálise do *corpus*, por meio do reuso sugerido por Corti et al. (2004), para se alcançar um novo objetivo (analisar o impacto da pandemia no trabalho de profissionais do setor cultural em Uberlândia, na perspectiva dos profissionais da música), cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

A reutilização de dados qualitativos oferece uma oportunidade de estudar as matérias-primas de pesquisas passadas, recentes para obter *insights* para fins metodológicos e substantivos. As maneiras pelas quais os dados qualitativos podem ser reutilizados têm muito em comum com aquelas aplicáveis à análise secundária de dados de pesquisa (FINK, 2004).

Na condução da entrevista, os entrevistadores dedicaram os primeiros minutos para apresentação e troca de informações gerais, visto que não se conheciam e era importante estabelecerem confiança mútua nesse primeiro contato ao vivo. Depois da entrevista, encerrando a gravação, também foi dedicado um tempo para considerações finais, momento em que os entrevistados falaram livremente sobre os assuntos abordados. Assim, falaram sobre o seu trabalho e sobre o que achavam da universidade e das pesquisas acadêmicas que desenvolvíamos; falavam sobre a cidade e sobre política. Suas interpretações eram apresentadas meio a falas carregadas de subjetividades que, embora não auxiliassem no alcance do objetivo inicialmente proposto pela pesquisa *a priori*, não foram ignoradas pelos pesquisadores posteriormente. Por esses motivos que, depois de encerrado a primeira pesquisa, utilizou-se o mesmo *corpus* para novas análises, agora com um novo objetivo de pesquisa.

A análise e reanálise do *corpus* deu-se com o auxílio do Atlas.ti, seguindo as recomendações de Bardin (1977) na aplicação da técnica de análise de conteúdo. As categorias que relacionavam o trabalho do músico com a pandemia foram isoladas, resultando em novas categorias as quais intitulam a seção dos resultados do presente artigo, quais sejam: tecnologia e inovação; ações institucionais e assistenciais; e, (re)interpretações das ameaças do contexto extremo causado pela pandemia. A estruturação das categorias emergentes com o reuso do material foram úteis para o alcance dos objetivos e a consequente apresentação dos resultados, na próxima seção.

4. RESULTADOS

As transformações que a sociedade estava passando se fez presente constantemente nas falas. Ouvir atentamente os entrevistados, com empatia e respeito, foi primordial. No momento das entrevistas, o setor de eventos estava fechado há um ano, ocasionando, inicialmente, a anulação completa das atividades musicais na cidade, com algumas breves reaberturas. O setor estava à deriva: buscavam-se por notícias sobre as medidas sanitárias constantemente, passaram a depender de políticas públicas de assistência ou de iniciativas pessoais de outros profissionais e da própria solidariedade comunitária. No momento da entrevista, de posse de um roteiro semiestruturado que buscava atender objetivos de pesquisa relacionados à economia criativa, os pesquisadores deixaram que os participantes conversassem livremente, expondo suas interpretações sobre o contexto que viviam. Revisitar o *corpus*, portanto, como sugerido por Corti et al. (2004), foi importante no alcance do objetivo do presente artigo.

Situações inesperadas em pesquisas qualitativas são frequentes, sendo o pesquisador e o pesquisado também moldado pelo ambiente pesquisado. O que os pesquisadores fizeram, então, foi responder ao ambiente que se impôs à pesquisa, colhendo os repertórios interpretativos dos entrevistados. Os resultados inesperados da pesquisa, não relatados em profundidade no primeiro artigo, passaram a compor um novo texto. Os resultados foram estruturados nas seções seguintes.

4.1 Tecnologia e inovação

Diante das falas dos entrevistados, emergiram, principalmente, dois tipos de relatos: aqueles que se adaptaram bem às novas condições de trabalho, com possibilidades de adaptar o ambiente doméstico e transformá-lo em um estúdio; e aqueles que não viram condições de utilizar das tecnologias para continuarem desenvolvendo suas atividades de uma forma satisfatória.

Alguns músicos que trabalhavam no conservatório relataram não terem se adaptado ao modelo *online* de ensino, se vendo obrigados a abandonar essa atividade. “As novas tecnologias digitais vieram com tudo nesse momento de pandemia” (Entrevistado A). As tecnologias digitais se intensificaram no momento de pandemia, mas já estavam presentes anteriormente, o que já exigia dos músicos uma capacidade especial de adaptação pelo contexto em que já encontravam suas próprias atividades profissionais e mercadológicas, indo ao encontro do que foi abordado no estudo de Wainer (2017).

As falas dos entrevistados apontaram que já era possível a remuneração por meio das plataformas digitais, pelos números de visualizações e pela quantidade de público que atinge: “[alguns cantores] fazem show barato pra ganhar visibilidade, a visibilidade já era o foco mesmo antes da pandemia [...] agora se intensificou” (Entrevistado B). Com isso, depreende-se que já era uma realidade para o setor o músico se sentir na obrigação de usar a internet com intensidade, inclusive se expondo nas redes sociais com o intuito de divulgação e engajamento do público. Diante das interpretações dos entrevistados, foi possível identificar tanto essa (nova) realidade que se impôs a esses profissionais, quanto a enfatizada essência da atividade artística, que requer troca, interação e contato direto com o público, conforme figura 1.

Figura 1. Representações sobre o contexto musical



Fonte: Desenhos obtidos com aplicação da técnica projetiva

O primeiro desenho (Figura 1) mostra um músico trabalhando de forma isolada, cercado de aparatos tecnológicos, vistos como essenciais para a realização de seu trabalho, concordando com Weiner (2017). Para este entrevistado, a pandemia fez com que houvesse mais inovação por parte dos músicos, visando uma comunicação mais efetiva. Ademais, ele cita que “o músico já tinha que ter [conhecimento tecnológico] e agora muito mais” (Entrevistado C). Já o segundo desenho, mostra uma percepção oposto à primeira, pois para esse entrevistado, a alegria do músico está na troca com as pessoas, como pode ser observado em uma de suas falas: “a cultura sentiu bastante porque depende muito da aglomeração. A arte depende muito da troca. Para o artista não tem graça” (Entrevistado B).

Antes do surgimento e da popularização da internet e das ferramentas digitais, o foco estava nas rádios e nos programas da televisão aberta. Uma entrevistada ligada ao mercado gospel afirmou: “o próprio gospel demorou a abraçar as plataformas digitais [...] com a pandemia, todos que quisessem continuar a carreira foram obrigados a dominar a tecnologia, adaptando de alguma forma” (Entrevistado E).

As rádios e os CDs já tinham perdido muito espaço para as plataformas digitais. Mas, as novas tecnologias digitais “vieram com tudo nesse momento de pandemia”, afirmou o Entrevistado C, que continuou: “Antes, o cantor ia nas rádios, por exemplo, agora, você tem que estar é na internet, senão não será ouvido. Complementando essa ideia, o Entrevistado D reforça a pressão para estar inserido no meio digital, independente do contexto pandêmico: “se algum dia eu fizer algum tipo de trabalho, eu tenho que lançar no Spotify. Eu não vou fazer um CD, gastar com várias faixas como antigamente” (Entrevistado D).

Com isso, nota-se um contexto de intensificação do trabalho ainda mais presente no cotidiano desses profissionais, que além de exercer suas atividades rotineiras (dar aula, tocar ou cantar para o público, dentre outros), eles precisaram aprender ou melhorar seus conhecimentos sobre as plataformas digitais para conseguir manter as aulas, utilizar das mídias sociais para a divulgação de *live* e ainda, possuir os equipamentos necessários para conseguir realizar tudo isso com qualidade. O Entrevistado F explica como funciona o aplicativo online de serviços para músicos. Em sua percepção, já não era necessário estar no mesmo lugar geográfico para exercer sua profissão, agora essa característica é mais forte e é possível ter alunos fora do Brasil.

Sendo assim, é possível notar o aumento do trabalho desses profissionais, que precisaram se adaptar à nova realidade, e alguns casos, ainda necessitam dobrar a jornada, tendo em vista a falta de oportunidades de trabalho que envolve contato social. Essa característica da intensificação é discutida por Green (2001) e Patterson (2001),

sendo vista como uma consequência de pressões de nível macro da economia, concorrência, mudanças de tecnologias, e também de mudanças nas práticas organizacionais, quando for o caso. Os músicos participantes da presente pesquisa se depararam com um contexto incerto, em que a pressão por adaptação e reinvenção foi (e ainda é) constante. Para alguns profissionais não foi possível realizar essas adaptações de forma satisfatória, o que os levou a situações extremas de dificuldades financeiras. Por isso, iniciativas independentes de assistência aos músicos em situações mais vulneráveis também fazem parte do contexto analisado, que será abordado no próximo tópico.

As tecnologias e as inovações, típicas do setor cultural, especialmente ligadas à música, já compunham um contexto de exigências e ameaças para os profissionais, mesmo antes da pandemia do Covid-19. O que aconteceu então com o obrigatório (e importante) regime de isolamento social no combate à pandemia foi uma intensificação dessas exigências. Os profissionais que já lidavam com as tecnologias e conseguiam caminhar pelas inovações do setor, sentiam mais facilidades com o novo contexto; entretanto, os profissionais que já se encontravam resistentes anteriormente, viam-se em um dilema difícil, que levou muitos a abandonarem suas atividades profissionais.

4.2 Ações institucionais e assistenciais

O setor cultural é diverso e complexo, onde co-existem extensas cadeias produtivas no processo de elaboração de produtos culturais. Além disso, há uma série de produtos culturais de elaboração solitária, assim como os que somente podem acontecer na produção coletiva (Calabre, 2020; Canedo et al., 2021). Somam-se, a isso, o contexto de instabilidade e o decréscimo de investimento das políticas públicas para a cultura no Brasil (Canedo et al., 2021).

Esses fatos vão ao encontro de algumas falas dos participantes da presente pesquisa, no sentido de que é antecedente à pandemia a configuração do mercado. Segundo a interpretação do entrevistado G, “o mercado é injusto [...] acho muito difícil alguém falar que sobrevive só de música”. Este indivíduo oferece uma interpretação que relaciona o sucesso à capacidade de oratória, de comunicação e “de convencimento”. Ele segue dizendo que “todo mundo [os músicos] tem que ter empresário, senão não consegue [...] o músico fica restrito à música e o empresário faz a carreira dele”.

Diante desse contexto de suspensão de todas as atividades artísticas e culturais, parte do setor cultural começou a se mobilizar em busca da garantia do apoio do Estado, nos diversos níveis de governo. As primeiras ações adotadas por diversos estados dizem respeito às medidas administrativas, como prorrogação dos prazos de prestação de conta e de execução dos projetos culturais financiados. Devido à migração dos eventos culturais para o ambiente digital, surgiram editais emergenciais para promoção de festivais online ou fomento direto a artistas e produtores para a criação de apresentações na internet e redes sociais (Canedo et al., 2021). Na interpretação dos entrevistados, o acesso às instituições e aos recursos disponibilizados pelo Governo não é fácil. A maioria dos músicos enfrenta dificuldades na construção de um projeto formal, pois “há toda uma burocracia cuja necessidade de formação não é atendida pela maioria dos músicos. Precisa formar a galera pra conseguirem fazer isso e para ter mais acesso” (Entrevistado H), e, conseqüentemente aumentar o orçamento da cultura municipal.

A Lei Aldir Blanc também foi mencionada pelos participantes e ficará marcada como uma movimentação política de reação aos impactos da pandemia causados ao setor cultural. No limite, trata-se de uma lei emergencial que, em grande parte dos estados da federação, não teve seus recursos empenhados a partir de instrumentos que dialogassem com o contexto excepcional de urgência das respostas e com a diversidade de caminhos possíveis (Canedo et al, 2021).

Além das iniciativas de algumas organizações (públicas e privadas), a pesquisa encontrou a existência de uma rede de colaboração independente, com outros músicos se unindo para ajudar músicos que vinham passando por dificuldades financeiras por não conseguirem desempenhar suas atividades plenamente, indo ao encontro do que pôde ser verificado em Fortaleza (Holanda & Lima, 2020). A rede iniciou uma campanha de arrecadação de alimentos aos colegas em situação de maior de vulnerabilidade. O uso das redes sociais e de plataformas de financiamento coletivo (como a Vakinha, Catarse, etc.) foi essencial na propagação dessa primeira “ação de resistência”, que teve como foco inicial o provimento básico e rápido de insumos para os indivíduos mais necessitados de seu movimento. Fortalecendo-se a rede, algumas outras ações foram implementadas, como a realização também independente de um festival virtual multilinguagem para financiar e manter a produção criativa e intelectual dos artistas atingidos (Holanda & Lima, 2020).

Alguns músicos entrevistados trabalhavam em projetos sociais e assistenciais, porém, no contexto da pandemia, seriam eles que precisavam de ajuda. Alguns relatos forneceram alguns exemplos de arrecadação de cestas básicas para garçons, ajuda financeira para músicos, associação de profissionais para ajuda mútua, além das próprias ações governamentais de auxílio financeiro, consideradas insuficientes e paliativas. O músico, considerado muito útil em projetos sociais, passa a necessitar do amparo dessas instituições de auxílio, especialmente daquelas ligadas ao amparo à cultura.

4.3(Re)interpretações das ameaça do contexto extremo causado pela pandemia

Embora já estivessem preparados, de alguma forma, para configurações contextuais intensas, desafiadoras e arriscadas, a pandemia trouxe um aspecto novo, nunca antes experimentado por esses profissionais, levando-os a lidarem, principalmente, com situações de medo, raiva e perda.

A situação de incerteza instalada pelas restrições advindas com a pandemia da Covid-19, fez com que o sentimento de medo fosse despertado na maioria dos entrevistados. Com isso, verificou-se as seguintes (re)interpretações das consequências geradas pela caracterização do contexto extremo (Hannah et al., 2009). O potencial para gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais se destaca, além de consequências irreparáveis, como a perda de colegas e familiares. Dessa forma, o medo esteve relacionado ao alto grau de incerteza do momento, como pode ser observado nas seguintes falas: “pegou de surpresa, é isso [...] tem muita gente que não tinha um planejamento financeiro para uma crise desse tamanho, e esta é em uma situação muito difícil” (Entrevistado J). E “muita gente vai ter que migrar de profissão para sobreviver e alguns que não conseguem mudar estão sofrendo [...] estão todos apavorados” (Entrevistado I).

Outro sentimento que se sobressaiu foi o da raiva. Em uma das entrevistas, a participante, antes de apresentar a sua interpretação, pergunta: “Posso usar palavrão? Posso xingar aqui?” (Entrevistada L). Segundo ela, a classe artística de forma geral está “cagada no maiô”, referindo-se ao contexto que a pandemia impôs aos profissionais que ficaram completamente sem reação e à deriva em meio ao caos que foi instalado a nível econômico, político, sanitário. Ademais, ressaltam-se também os sentimentos de abandono pelas instituições públicas de amparo, ligadas às políticas públicas de cultura. Por fim, uma entrevistada cita uma frase que, segundo ela, seria atribuída à Neruda: “a vontade é sair matando todo mundo, ai...mas eu mataria mesmo, mas a paz...é que é a culpada, a paz é a que não deixa”.

Já com relação ao sentimento de perda, os entrevistados buscaram elaborar as dores causadas tanto por perdas financeiras, quanto pessoais. “A gente tá perdido”, afirma um

dos entrevistados ao dizer que a sobrevivência profissional dos músicos está sob risco devido ao fato de “estar tudo fechado”, referindo-se às medidas restritivas de isolamento social, no combate à pandemia. Outro entrevistado disse: “a cultura sentiu bastante porque depende muito da aglomeração[...] perdemos muito, infelizmente. A arte “depende muito da troca [...] para o artista não tem graça sem o calor do público” (Entrevistado B).

Todas essas falas foram acompanhadas de relatos sobre casas de show que fecharam, profissionais que faleceram em decorrência das complicações do Covid, “a perda que o setor teve está enorme”. A atividade artística e cultural não depende apenas de máquinas, mas, sobretudo de pessoas, que, à propósito, são insubstituíveis. As perdas que o setor sofreu são sempre analisadas com muito pesar pelos músicos, com previsões de recuperação sempre a longo prazo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo analisar o trabalho do músico em Uberlândia no decorrer da pandemia de COVID-19. Assim, para que o objetivo fosse atingido, foi realizada a reutilização do *corpus*, conforme sugerido por Corti et al. (2004), por meio de entrevistas realizadas com profissionais da música acerca da economia criativa em Uberlândia.

Inicialmente, os resultados mostraram que devido ao aumento do uso da tecnologia, alguns músicos não conseguiram (ou não quiseram) manter seus trabalhos, optando pela troca de atividades ou mesmo pela espera de uma melhoria na conjuntura atual quanto à possibilidade de realização de shows, por exemplo. Isso fez com que houvesse uma intensificação do trabalho e as dificuldades de adaptação ao formato online. Apresentaram-se também algumas interpretações sobre as iniciativas governamentais, como a Lei Audir Blanc, para auxílio de artistas que ficam em situação de vulnerabilidade econômica pela impossibilidade de realizar suas atividades plenamente. Além disso, houve ações independentes de outros músicos, que se mobilizaram e criaram condições de auxílio para colegas de profissão. As falas dos entrevistados mostram que o contexto extremo são (re)interpretados por meio de sentimentos direcionados à pandemia do Covid-19, como: medo, raiva e perda (financeiras e relacionamentos pessoais).

Dentre as contribuições da pesquisa, destaca-se a abordagem metodológica. O percurso metodológico de pesquisa pode ser semelhantemente utilizado em outras investigações empíricas. O uso da entrevista episódica de Flick (2002), combinada com a entrevista narrativa de Jovchelovitch e Bauer (2002) dá sustentação para o uso da técnica projetiva presente no estudo de Campos et al. (2020). Esses três tipos de entrevistas em conjunto possibilitaram a triangulação das interpretações do entrevistado de maneira profunda e substancialmente útil no alcance do objetivo proposto.

O percurso assumido também mostra a possibilidade do uso de técnicas de pesquisa que considerem o isolamento social, ao otimizar o processo de coleta de dados e melhorar a segurança sanitária em momentos de pandemia. O uso do *WhatsApp*, *Zoom* e *Google Meet* foram realizadas de maneira totalmente remota, sem o contato físico dos pesquisadores com os entrevistados.

Destacou-se, também, o reuso do *corpus*, como uma proposta de pesquisa promissora nas abordagens qualitativas, caracterizadas por vezes pela profundidade e a quantidade dos dados, que podem servir para o alcance de outros objetivos de pesquisa, especialmente na investigação de interpretações existente em um grande volume de dados. A reutilização dos dados amplia as possibilidades nas investigações empíricas e qualitativas, possibilitando novos olhares, novas interpretações e novas possibilidades de perguntas de pesquisa.

A pesquisa também contribuiu teoricamente, ao mostrar que, tanto na atividade de pesquisa, quanto na atividade profissional dos músicos, o contexto também pode caracterizar um trabalho extremo, tendo em vista que o ambiente onde um ou mais eventos extremos estão ocorrendo, ou são prováveis de ocorrer, e que podem exceder a capacidade dos indivíduos de se prevenirem, resultando em uma magnitude extensa de consequências de natureza física, psicológica ou material (Hannah et al., 2009).

Para pesquisas futuras, sugere-se um estudo que busque (i) verificar os desdobramentos desse contexto analisado, tendo em vista que as atividades culturais que demandam contato social ainda não retornaram em sua plena capacidade; e (ii) buscar um maior aprofundamento nas contribuições analisadas relativas aos sentimentos dos sujeitos participantes da pesquisa ao lidarem com as circunstâncias impostas pela pandemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1977) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda.
- Bloomfield, B., & Dale, K. (2015). Fit for work? Redefining ‘Normal’ and ‘Extreme’ through human enhancement technologies. *Organization*, 22(4), 552–569. <https://doi.org/10.1177/1350508415572507>
- Bozkurt, Ö. (2015). The punctuation of mundane jobs with extreme work: Christmas at the supermarket deli counter. *Organization*, 22(4), 476–492. <https://doi.org/10.1177/1350508415572512>
- Calabre, L. (2020). A arte e a cultura em tempos de pandemia. *Revista Extraprensa*, 13(2), 7–21. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.170903>.
- Campos, A. C., do Nascimento, T. B. P., de Oliveira, F. H., Vilas Boas, L. H. de B., & de Rezende, D. C. (2020). “Before alone or (well) accompanied”? The use of projective marketing techniques. *Qualitative Report*, 25(2), 471–486.
- Canedo, D. P. (2021). *Políticas culturais emergenciais na pandemia da Covid-19? Demandas e estratégias de enfrentamento e as respostas dos poderes públicos*. 165–191.
- Corti, L. and Thompson, P. and Fink, J. (2004) *Preserving, Sharing and Re-Using Data from Qualitative Research* in C. Cassell and G. Symon (eds.), *Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research*, London: Sage Publications.
- Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S (2005) The discipline of qualitative research. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Eds.). . *The Sage Handbook Of Qualitative Research*. London: Sage Publications.
- Flick, U. (2002). Entrevista episódica. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático* (pp. 114–136). Vozes.
- Merlin, B. (2021, março 18). Com shows suspensos, músicos buscam alternativas para sobreviver em Uberlândia. Recuperado em junho 20, 2021, em <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/28048/com-shows-suspensos-musicos-buscam-alternativas-para-sobreviver-em-uberlandia>.
- G1 (2020, maio 26). Movimento ‘Cultura luta’ distribui cestas básicas para artistas de Uberlândia prejudicados pela pandemia de coronavírus. Recuperado em junho 20, 2021, em <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/05/26/movimento-cultura-luta-distribui-cestas-basicas-para-artistas-de-uberlandia-prejudicados-pela-pandemia-de-coronavirus.ghtml>.
- Góes, G. S., Athias, L. Q., Martins, F. dos S., & Silva, F. A. B. Da. (2020). O setor

cultural na pandemia: O teletrabalho e a Lei Aldir Blanc. *Carta de Conjuntura, IPEA*, n 49, Nota 6, 1–27. <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2020/07/teletrabalho-na-pandemia-efetivo-versus-potencial/>

- Green, F. (2001). It's been a hard day's night: The concentration and intensification of work in late twentieth-century Britain. *British Journal of Industrial Relations*, 39(1), 53–80. <https://doi.org/10.1111/1467-8543.00189>
- Gzvitavski, T. R. (2021). OS DESAFIOS DA ECONOMIA CRIATIVA EM MOMENTOS DE CRISE ECONÔMICA: Respostas do setor frente à recessão provocada pela pandemia do Coronavírus. *Revista Faculdades Do Saber*, 6(12), 857–867.
- Hannah, S. T., Uhl-Bien, M., Avolio, B. J., & Cavarretta, F. L. (2009). A framework for examining leadership in extreme contexts. *Leadership Quarterly*, 20(6), 897–919. <https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2009.09.006>
- Holanda, N., Em, V. L., Chacovachi, F., Brasil, N., & Nacional, S. (2020). *Movimentos e ações político-culturais do Brasil em tempos de pandemia do Covid-19*. 1–6.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático* (pp. 90–113). Vozes.
- Patterson, F. (2001). Developments in work psychology: Emerging issues and future trends. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 74(4), 381–390. <https://doi.org/10.1348/096317901167442>.
- Santos, G. M., & Sant'anna, S. P. (2021). Arte em tempos de pandemia : rotas para análises Art in pandemic times : routes for analyses. *O Público e o Privado*, 19(38), 11–22.
- Thiry-Cherques, H. R. (2009). Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista PMKT*, 3(Outubro), 20–27.
- Uberlândia (2021, fevereiro 19). 'Cultura em Casa' com projetos da 'Aldir Blanc' segue até agosto. Recuperado em junho 20, 2021, em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/02/19/programacao-do-cultura-em-casa-projetos-apoiados-pela-aldir-blanc-segue-ate-agosto/>.
- Wainer, D. F. (2017). *Entre música e tecnologia: condições de existência e funcionamento da indústria fonográfica brasileira no século XXI*. *Comunicação e Sociedade*, 31, 311–326.